

cia pode ser favorecida nesse contexto que envolve de um lado os constrangimentos sociais daquelas que vão buscar ajuda por terem sido violentadas e de outro as suas fantasias sexuais inconscientes.

Susana Borneo Funck estuda *A Sexualidade de nas Utopias Feministas dos Anos 70 na Literatura Norte-americana* a partir de cinco romances utópicos tomados como representativos nos quais a assimetria de gênero é resolvida ou pela eliminação total da diferença ou pela igualdade na convivência dos diferentes. Nessa utopia a identidade sexual deixa de existir ou é irrelevante: a sexualidade não segue os moldes vigentes na sociedade ocidental contemporânea, o poder se restringe apenas a um poder de escolha e todos são iguais. Diferente mente da chamada revolução sexual que não chegou a criar mudanças estruturais no padrão das relações humanas, essas utopias feministas da década de 70 propõem uma prática libertária questionando relações de gênero e poder na área da sexualidade.

Embora não tenham sido agrupados em blocos temáticos, é possível entrever uma aproximação maior entre alguns desses artigos na ordenação do volume. De qualquer modo, no conjunto da leitura, vai ficando a sensação de que um texto remete ao outro, com as questões sempre se correlacionando. Assim, e que por exemplo, ao lermos sobre as bancarias do artigo de Segnini, voltam à tona as colocações de Puppim a respeito das mulheres em cargos de comando e o mesmo acontece quando nos aproximamos das donas de casa ausentes do juízo no estudo de Fontolan e das primeiras universitárias em São Paulo estudadas por Tago e das professoras na virada do século analisadas por Reis, enfim, de todas as categorias feminis-

tas encarnadas nesses diversos estudos. A dimensão avassaladora do doméstico marcando as representações de gênero que levam as mulheres a se inserir na vida profissional da maneira que lhes cabe, isto é, paulatina por essa inescapável dimensão do privado. Nesse sentido também ressurge a proposta de cada tema, o esforço extra que cabe as mulheres realizar para ocupar espaços tradicionalmente destinados aos homens.

Se a questão das relações de gênero é o conector da coletânea como um todo, corre em paralelo a questão das fronteiras nebulosas entre o domínio público e o privado no que diz respeito ao lugar social da mulher, das ambiguidades e as contradições reveladas em relação aos diferentes casos estudados. São ambivalências e incongruências que como cada autora demonstra não decorrem dos casos e situações pesquisados, mas de uma lógica que emana da sociedade, a que a conjunção dos artigos torna ainda mais evidente. A riqueza dos textos consiste na demonstração das sutilezas envolvidas nos modos como tal lógica se atualiza em diversos contextos.

Para além da questão das relações de gênero, tão bem fundamentada e de se notar ainda o cuidado com que as autoras situam e referenciam cada tema especificamente em termos teóricos e metodológicos, de tal modo que a leitura de *Novos Olhares* se torna ainda mais rica. É um título que faz juz a contribuição do livro, remetendo aos novos olhares daquelas que são o objeto das pesquisas que originaram os textos, como também aos novos olhares daquelas que realizaram as pesquisas.

ROSANE M. PRADO ■

## Da mulher ao Cyborg: os anos rebeldes

### **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.)

Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 288 p.

Todos nós estamos falando da crise do conhecimento provocada pelo questionamento

pos-moderno das grandes narrativas do Iluminismo. Sabemos que essa crise impacta de forma muito profunda o pensamento feminista. Como conciliar a luta feminista pelos direitos da mulher com a crítica pos-estruturalista a noções de identidade e de direitos calcadas no discurso humanista liberal? A confluência entre pos-modernismo e pos-estruturalismo acarretou profunda impasse para as teorias feministas, principalmente no contexto acadêmico norte-ame-

ricano Diante da facticidade da fragmentação dos discursos e do descentramento do sujeito da razão da história e da enunciação como continuar falando em nome do sujeito mulher e da utopia de uma linguagem comum?

Foi essa preocupação com o papel da linguagem e dos processos simbólicos na construção e representação da experiência da identidade e da realidade (preocupação esta que constitui o cerne das teorias pós-modernas/pós-estruturalistas) que marcou uma espécie de mudança paradigmática nas teorias feministas na última década. Estudos das estruturas sociais cedem lugar a leituras críticas das narrativas culturais na fabricação do *social*. O olhar feminista volta-se portanto para o campo da cultura procurando entender como determinados textos são historicamente construídos e postos em circulação como estão permeados por relações de poder que invariavelmente perpassam relações não só de gênero mas também raças, etnicidades, sexuais, de classe entre outras e como são constitutivos de valores. Dentro do marco desse paradigma linguístico do conhecimento e a luz da crise do sujeito a categoria mulher acerca do feminismo se fragmenta em suas diversas construções através das várias modalidades da diferença desestabilizando radicalmente as tradicionais categorias analíticas das teorias feministas.

É nesse contexto dos debates feministas internacionais que podemos situar *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Como o título sugere, o que une os artigos agrupados nas três partes em que o livro se divide (*Repensando a Diferença: A Questão Nacional, Impasses e Perspectivas*) e cuja precedência nos leva a disciplinas como Literatura e História, bem como a emergente área interdisciplinar dos estudos culturais e a crescente preocupação tanto acadêmica quanto política com a produção e circulação cultural dos significados de gênero em um cenário de confluência entre o feminismo anglo-americano e o francês. A introdução de Heloise Buarque de Hollanda nos oferece um breve porém abrangente mapeamento dos caminhos da crítica feminista contemporânea no panorama internacional. O objetivo é não somente situar a leitora dentro das mais recentes tensões e contradições do pensamento feminista, como também contextualizar cada artigo em relação aos processos de construção da diferença como categoria teórica e política. O que se busca é mostrar como essa diferença (juntamente com seus mecanismos de exclu-

são) estrutura as histórias que são contadas sobre a produção literária e artística das mulheres (Elaine Showalter) sobre a história literária tradicional (Ria Lemaire) sobre as teorias científicas acerca da variação humana (Nancy L. Stepan) e sobre os discursos da nação e da identidade nacional na produção literária da América Latina (Jean Franco, Mary Louise Pratt, Doris Sommer) nas Partes I e II.

Ja na Parte III a diferença se multiplica a partir da proliferação dos níveis de indeterminado estruturados pelo pós-colonialismo (Gayatri Spivak) pela tecnologia do gênero (Teresa de Lauretis) e pelo circuito integrado do capitalismo mundial (Donna Haraway). Estes constituem as condições da possibilidade para entendermos o gênero a raça a classe a sexualidade e a própria afetividade: enfim as diferenças como efeitos não como fatos *a priori* evidentes por si, fixos e imutáveis na História. Tais diferenças portanto deixam de habitar nossas ontologias e se transformam em posições políticas. O que os ensaios aqui reunidos nos mostram é que em vez de tentarmos (des)cobrir as diferenças devemos sim aprender a ler os processos de diferenciação. E como leituras são sempre feitas de forma oblíqua (isto é, informada por interesses específicos) são necessariamente parciais. É a partir desse contexto (parcial) de minhas inquietações teóricas atuais que gostaria de tecer a seguir alguns comentários sobre o conjunto dos ensaios aqui reunidos.

Em *A Crítica Feminista no Território Selvagem*, Elaine Showalter identifica quatro principais tendências atuais da crítica feminista (biológica, linguística, psicanalítica, cultural) apontando problemas com as três primeiras modalidades de diferença e recomendando a adoção do último, o modelo da cultura da mulher, por sua abrangência pois incorpora ideias a respeito do corpo, da linguagem e da psique da mulher (p. 44) que ficam inscritas na sua produção literária.

Publicado pela primeira vez em 1981 no periódico *Critical Inquiry*, o artigo de Showalter ilustra um momento já histórico nos debates feministas quando, apesar do reconhecimento das diferenças, a crença na existência de uma experiência coletiva unindo as mulheres e em um *locus* cultural preciso da identidade literária feminina (p. 51) contagiava significativa parcela de feministas. Com a crítica das mulheres de cor e lesbicas ao feminismo cultural e as promessas de *sisterhood* e a luz dos ensaios teóricos da Parte III do livro vimos que tais termos e conceitos há muito deixaram de ser transparentes para o pensamento feminista. Dina

o mesmo a respeito de quaisquer classificações taxonômicas (os modelos de crítica feminista) ou cronológicas. Há a necessidade aqui de uma certa dose hermeneutica de suspeição. É o que Rita Lemons propõe fazer em *Repensando a História Literária*, apesar de ainda fundamentar seus argumentos em modelos extremamente homogêneos de culturas masculina e feminina e heterogêneas entre si, simplificando por assim dizer a própria história cultural.

Utilizando Foucault e a historiografia feminista, a autora mostra claramente as exclusões que a história literária tradicional, definida em termos patrilineares, perpetua. Primeiro há uma negação do impacto das estruturas sociais e das ideologias na construção da tradição literária. Segundo interessante ressaltar aqui a guisa de curiosidade, o que análises da relação entre gênero e gênero e entre autoria e autoridade são capazes de revelar. Segundo, há o predomínio da perspectiva escritocêntrica em detrimento da oralidade no cânon da cultura ocidental quando uma elite intelectual sacraliza obras escritas e marginaliza as das tradições orais das culturas populares nativas. O interesse informando tal estratégia era o de ampliar a distância entre o povo e a elite ( ) entre mulheres e homens (p. 63). Ironicamente, um outro texto de cunho oral que foi recentemente canonizado ( ) faz parte agora do currículo de Humanidades de muitas universidades norte-americanas) e a história de vida de Rigoberta Menchú, na qual essa líder indígena guatemalteca e ativista dos direitos humanos, além de ganhadora do Prêmio Nobel da Paz de 1992, faz observações críticas a respeito das várias hierarquias construídas em torno da dicotomia escrita/oralidade, salientando como estas operam também para separar raças e etnias, e não somente os gêneros. Por outro lado, devemos nos perguntar até que ponto a canonização de literaturas e gêneros ex/cêntricos não estaria sinalizando a emergência de uma preocupante ética da marginalidade, na qual a celebração por madama da categoria marginal acaba por fazer com que a mesma perca seu potencial crítico?

<sup>1</sup> BURGOS Elizabeth. *Meu Nome é Rigoberta Menchú e Assim Nasceu Minha Consciência*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

<sup>2</sup> Para maior elaboração desse ponto, ver o ensaio de George Yudice, "Marginality and the Ethics of Survival," in Ross Andrew (org.), *Universal/Abandon?* Minneapolis: University of Minnesota Press, 1988, p. 214-36.

Da mesma forma que a escrita distanciou a elite do povo, o homem da mulher, estabelecendo desigualdades entre esses polos, o discurso das ciências biosociais sobre o desenvolvimento humano nas séculos XIX e XX, através do emprego de analogias e metáforas entre raça e gênero, acabou por reforçar cientificamente tais desigualdades e diferenças. O ensaio de Nancy Stepan e um minucioso e contundente estudo da relação entre linguagem e processos de representação por um lado, e a produção do saber no contexto mais amplo das estruturas sociais, por outro. Para a autora, as tropos linguísticos acima assinalados não são apenas auxílios psicológicos para a descoberta científica ou esquemas heurísticos, mas elementos constitutivos da teoria científica (p. 73). Não é tanto a novidade do argumento, mas o detalhamento e a clareza dos exemplos, unidos às explicações antropológicas que fazem deste ensaio um alerta aos recentes, controversos e politicamente perigosos discursos veiculados na mídia, por exemplo, sobre diferenças sexuais no cérebro e diferenças raciais em coeficientes de inteligência. Uma vez que a diferença se aloja na biologia, ela se transforma na marca indelevel do gênero ou da raça, ou da sexualidade, ou de todas essas coisas, dando vazão às mais variadas intervenções políticas e outras. Da importância premente de trabalhos como o de Nancy Stepan, e poderia aqui também citar os de Donna Haraway.

Na Parte II (*A Questão Nacional*), volta-mos nosso olhar para a relação entre nação e narração e o lugar que as representações de gênero ocupam nesse campo socio-semântico das narrativas nacionalistas. Jean Franco (*Sentido e Sensualidade: notas sobre a formação nacional*), Mary L. Pratt (*Mulher, Literatura e Immandade Nacional*) e Dora Sommer (*Amor e Patria na América Latina: uma especulação alegórica sobre sexualidade e patriotismo*) mostram, através de um *close reading* metódico dos diferentes textos da América espanhola, tomando em consideração o (con)texto mais amplo das preocupações políticas e econômicas, o papel ambíguo que a mulher desempenhou na construção da identidade nacional. Aqui temos um movimento inverso no que tange a questão da identidade e da diferença. O projeto que norteava as narrativas nacionalistas, como afirma Jean Franco<sup>3</sup>, era justamente

<sup>3</sup> Introduction in *Plotting Women: gender & representation in Mexico*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1989.

o de converter a heterogeneidade racial dos sexos em uma nação moderna e homogênea. A importância desses ensaios para as teóricas feministas está na relação que estabelecem entre textualidade e práticas políticas, entre a instituição da literatura e a economia, e entre o patriarcado e a nação.

A Parte III desta coletânea (*Impasses e Perspectivas*) contém ensaios que contribuíram significativamente para uma espécie de ruptura epistêmica nas teorias feministas. Os três artigos analisam a questão da especificidade do sujeito do feminismo posicionado da forma contrária e múltipla nos descontínuos espaços sociais estruturados pelo capitalismo internacional e pela informática da dominação.

Gayatri Spivak, em *Quem Revindica a Alheidade?*, reflete utilizando-se de noções como *escultura* e *leitura* sobre o sujeito da historiografia alternativa. Mostrando as complexidades da relação dessa figura com a produção acadêmica, a autora alerta nos para que examinemos como (esse sujeito) está escrito, em vez de simplesmente ler sua máscara como uma verdade histórica. (p. 188) Teresa de Lauretis emprega a noção foucaultiana de tecnologia para analisar o sujeito do feminismo, a mulher, criticando a maneira como o pensamento feminista tem até então atrelado o gênero a uma desgastada economia da diferença sexual. Para a autora, essa visão do gênero nos impossibilita articular as diferenças entre mulheres e Mulher, isto é, as diferenças entre as mulheres ou talvez mais exatamente as diferenças nas mulheres. (p. 207) O sujeito do feminismo, pelo contrário, está constituído pelo movimento para dentro e fora do gênero como representação ideológica ( ) movimento de vaivém entre a representação do gênero (dentro do seu referencial androcêntrico) e o que essa representação exclui, ou mais exatamente torna irrepresentável. (p. 238)

Se para De Lauretis o sujeito do feminismo é em parte irrepresentável, para Donna Haraway ele é irreconhecível. Originalmente publicado em *Socialist Review* nº 80 em 1985 (e não em *Resistance Literature* de Barbara Harlow, como consta na nota de rodapé), nesses dez anos de vida *Um Manifesto para os Cyborgs* já circulou por dezenas de antologias com apenas pequenas revisões, provocando as mais variadas reações entre um sem número de feministas. Aqui Haraway, através de linguagem inovadora e riquíssima em imagens pós-modernas (ler seu ensaio nos dá a sensação de estar mais assistindo a um videoclip da MTV<sup>4</sup>).

reconfigura o sujeito do feminismo como um Cyborg, que é na verdade um mito (parte real, parte imaginário). Para a autora, a mulher como sujeito transparente do feminismo da década de 70 desaparece com a emergência do Cyborg, organismo cibernetico híbrido, uma natureza ligada não só a realidade social como a ficção, uma quimera, transgressor de dualismos, pois, se ele é capaz de dar conta do corpo fragmentado da pós-modernidade e de articular uma política alternativa sensível a nova sociedade dos sistemas palmários de informação.

É interessante examinar as conexões entre os três ensaios. Em todos eles o sujeito do feminismo perde irremediavelmente sua inocência e transparência, adquirindo uma subjetividade mais complexa, volátil e móvel, moldada a partir dos múltiplos registros sociais e culturais. Em todos eles há a chamada para uma política que responda diretamente a problemática do capitalismo global. O que os diferencia, contudo, são as propostas de intervenção que fazem (ou não) tácita ou abertamente.

O ensaio de De Lauretis abre um espaço por demais grande entre, por um lado, a mulher como excesso na ordem simbólica da cultura patriarcal e, por outro, a mulher como sujeito historicamente situado. Falta-lhe aqui fazer o que Spivak se propôs desde o início: ou seja, entender o sujeito fragmentado da pós-modernidade a luz do capitalismo multinacional<sup>4</sup>.

Ao longo de sua produção acadêmica, Spivak busca explicitar a historicidade das subjetividades e o papel da crítica feminista no contexto internacional. Para isso estabelece complexas relações (descontínuas) entre práticas acadêmicas e o circuito do capitalismo entre a mulher no Primeiro Mundo e no Terceiro, entre o colonial e o pós-colonial, mostrando como essas descontinuidades geram diferenças. Estas, por sua vez, contribuem para a construção de um sujeito idealizado da historiografia alternativa a custa da obliteração dos sujeitos neo-coloniais ( ) e as mulheres nas zonas francas do Terceiro Mundo. O problema que tem sido ressaltado a respeito da postura política e teórica da autora e que as opõe entre as mulheres (do Primeiro e do Terceiro Mundos) da

<sup>4</sup> Vale dizer que, em seu trabalho posterior, De Lauretis repensa esse espaço, voltando-se a partir das críticas de mulheres de cor e lésbicas do feminismo para análises mais materialistas das práticas discursivas, onde o gênero deixa de ocupar o lugar privilegiado que ela ainda lhe concede no artigo em questão.

elite e da classe subalterna) adquirem um caráter tão avassalador que ameaçam qualquer tipo de prática articuladora de construção de alianças. Quando veja como acadêmicas (do Primeiro Mundo e da elite do Terceiro) e ativistas (do Terceiro Mundo) trabalham juntas em diversos movimentos sociais, apesar das distâncias e dos interesses e investimentos institucionais de cada uma sinto-me bem menos melancólica e mais próxima ao Cyborg. Porém, nem tanto.

A celebração da narrativa heteroglossa e a confusão de fronteiras do Cyborg – fontes de seu prazer – tendem, como observa eloquentemente Susan Bordo<sup>4</sup>, a obscurecer o fato de que narrativas e a fabricação de histórias são localizadas, limitadas, parciais, e sempre carregam consigo investimentos pessoais. Daí a necessidade de caminharmos com mais cautela rumo a heterogeneidade instável, pois infelizmente o poder ainda opera, com imitante monotonia, através dos velhos dualismos, o que limita a eficácia do Cyborg como transgressor dos

dualismos. Quem sabe não seria melhor e mais produtivo como estratégia feminista se, em vez de ficarmos imaginando Cyborgs, não nos ocupássemos de duas tarefas: Primeira, de cuidar da reflexão e análise do lugar que ocupamos em nossas teorizações e intervenções políticas (relevante aqui serem questões sobre subjetividade, representação, tradução cultural da diferença etc.) e segundo, em traçar paralelos entre esse lugar e o contexto mais amplo das instituições que queremos transformar. Entramos aqui com análises das estruturas sociais e seu papel nas relações de dominação na economia global. Mas, enfim, estamos nada mais que falando de um manifesto do Cyborg como utopia e do mundo como texto codificado pela informática da dominação. Não creio que haja consenso sobre a questão de quão perto ou quão distantes estamos deste mundo, pós-gênero, pós-feminista, pós-tudo. Outro, organizado por Helosa Buarque de Holanda, pretende apenas nos mostrar as tendências e os impasses nessas discussões. E diga-se de passagem, já faz muito.

CLAUDIA DE LIMA COSTA ■

<sup>4</sup>Feminism, Postmodernism and Gender Skepticism, in NICHOLSON, Linda J. (org.) *Feminism/Postmodernism*. Nova Iorque: Routledge, 1990, p. 133-56.

## Propostas revolucionárias

### O Melhor de Carmem da Silva

CIVITA, Laura Taves (org.)

Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1994.

Quando Carmem da Silva começou a escrever artigos mensais na revista *Civita* em 1963, entre receitas culinárias, modas e bordados, e segredinhos para prender o marido, o feminismo era ainda uma ideia fora do lugar. Senão, no mundo inteiro, pelo menos no Brasil, onde ganhava contornos de piada de mau gosto, impregnando de ridículo tudo o que se dizia e fazia em seu nome. Carmem não se intimidou e foi fundo ao ponto. A partir do diálogo com as leitoras, que logo começaram a lhe mandar cartas, expôs conflitos, expôs tensões, expôs emoções, expôs desesperos. Leu

nas entrelinhas o que a surdez precoce a impediu de ouvir em consultas psicanalíticas para as quais se habilitara por formação: a angústia das mulheres no momento histórico em que um mundo em transformação lhes exigia novas posturas diante da vida, enquanto a imagem secular da ideia de feminilidade, esculpida pela História e pela Ciência, as aprisionava a velhos padrões de comportamento, decalcando-lhes os destinos em modelos tão coercitivos quanto ultrapassados. Culpa, medo, ansiedade, confusão, indeção, ambigüidade. Carmem ouviu tudo isto nas cartas, os ditos e os não ditos. Soube devolver-lhes, de forma organizada e precisa, todo um material feito de pura subjetividade, traduzindo, com argúcia e paciência, a complexidade da vida emocional, achando as palavras certas que qualquer uma entenderia. Com isso ajudou suas leitoras a soletrar o beabá do feminismo, iniciou-as sem que elas percebessem, em uma nova leitura do mundo e das relações humanas.